Sobre o Centenário de Domingos Mourão Filho: O Condottiere de Pedro II

FRANCISCO MARIALVA MONT'ALVERNE FROTA(*)

> Deus nos deu a memória como antídoto do passado. O que se foi, com a vida vivida, acaba voltando, sempre que o recordamos. A saudade nada mais é do que a recordação sob uma luz generosa. Tudo fica mais belo quando a memória traz de novo o que dá gosto lembrar. O fato é o mesmo. Mas banha-o uma luz propícia que lhe alivia o colorido. Josué Montello – *Diário do Entardecer*.

Caros primos:

José Lourenço, Mimosa, Gérson, Alcides, Miriam e Sarah.

Ao me aproximar do sítio onde está plantada vossa promissora cidade, fiquei pressuroso em conhecer o rosto encantador da urbe serrana para o encontro que sempre desejei e que tardava a se realizar. Já quando o carro rolava pelas ruas deste Município a emoção se ateava na minha alma como chamas flamantes, deixando-me irrequieto por mais que procurasse me conter. E ao olhar vosso céu, ao alongar o olhar para vossas ruas, ao ouvir a voz do sino do vosso campanário, ao avistar os vossos conterrâneos e ao abraçar os primos da Família Araújo Mourão, crescia mais ainda em mim a carga emotiva, e aflorava à tona da memória, pela ressurreição do processo atemporal proustiano do recordar, fato enternecedor e que quero aduzir neste momento como homenagem que presto ao vosso burgo ilustre, à vossa amada cidade de Pedro II. Mais que isso: a relembrança que me surge, com a força espumante de vinho velho, se constitui autêntica lição de cidadania do fecundo magistério cívico de um dos vossos filhos, justamente daquele cuja memória hoje reverenciamos na transcorrência do *Primeiro Centenário de Nascimento de Domingos Mourão Filho*, nome legendário nestas plagas piauienses, pela vida honrada que viveu, pelo múnos público que exercitou exemplarmente em inesquecível liderança política e pela fama que granjeou, mercê de suas irrecusáveis qualidades de cidadão, de patriarca, de esposo e de pai.

Com os olhos do recordar, me vejo menino no Mosteiro de Marphisa Mont'Alverne, minha avó, a escutar as conversas dos adul-

---

(*) Francisco Marialva Mont'Alverne Frota – É membro efetivo da Academia Maranhense de Letras e Sócio – Correspondente da Academia Cearense de Letras, Academia Piauiense de Letras e do *Instituto do Ceará*.

tos, no gosto incontido, de já àquela época, identificar "o saber só de experiências feito". Em uma das despedidas de Tio Mourão insistia ele, na cidade ardente de Sobral, para que Vovó Marphisa revisitasse Pedro II. E para tornar o convite mais atraente, irresistível mesmo, repetiu os versos que o poeta Da Costa e Silva guardou como expressivo elogio a *Amarante*. Ainda agora, decorrido tanto tempo daquela manhã estival, parece que vejo *Tio Mourão* sentado à larga mesa da sala-de-jantar do *Mosteiro*, com a mão alada, repetindo os versos encantantes, que agora redigo, homenageando a Pedro II e reverenciando o nome do inesquecível condottiere, pois sua vida modelar se confunde com a história desta terra:

A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra:
É um céu sob outro céu tão límpido e tão brando,
Que eterno sonho azul parece estar sonhando
Sobre o vale natal, que o seio à luz descerra...

E todos ao redor da larga mesa guardavam silêncio, enquanto o Capitão Mourão desfiava o segundo quarteto e o primeiro terceto do primoroso soneto. Aturdido com o que testemunhava, notei que rebrilhavam, no lago de emoções incontidas, os olhos do velho Domingos Mourão Filho, enquanto, com a voz jugulada pela emoção de relembrar a terra natal tão amada dele, iniciava o fecho do soneto:

Terra para se amar com o grande amor que eu tenho!
Terra onde tive o berço e de onde espero ainda
Sete palmos de gleba e os dois braços de um lenho!

E Marphisa veio depois a Pedro II com Ruth. Minha Avó veio também com o propósito de deitar a bênção sobre a irmã, Tia Rosinha, sua afilhada. Ruth, veio acompanhando a mãe: ela desejava receber a bênção de sua madrinha Rosinha. Força do destino: hoje, vem o neto, vem o filho adotivo para exaltar em Pedro II a memória de Domingos Mourão Filho. É o louvor da amizade, e o louvor do sangue, e o louvor que faço na recordação dos que tanto estimaram o Capitão Mourão.

Minhas Senhoras, Meus Senhores.

E aqui, nestes ares de branda serrania, viveu Domingos Mourão Filho a infância feliz que vive toda criança na terra natal. Mas aqui também tornou-se órfão, quando a antiga Itamaraty, estarrecida, assistiu o brutal holocausto do Coronel Domingos da Silva Mourão. Cresci no Mosteiro ouvindo muitas vezes os detalhes desse crime nefando, quando se queria, no raio da família Araújo Mont'Alverne, se destacar a fibra de aço do caráter de Tio Mourão.

Aqui exerceu o múnos público. Aqui tornou-se o patriarca, cuja fama se alargou pelas quebradas deste adusto Piauí. Aqui viveu cercado da estima pública. Era respeitado por amigos e por adversários políticos. Sabia dar o sim e o não. Repelia as afrontas recebidas, pois era reconhecidamente bravo e destemido. Não guardava ódio, mas não absorvia desaforo: afrontado, desafrontava-se virilmente. Com os amigos, com os correligionários, com os pobres, sabia distribuir a generosidade do seu valimento, do seu conforto moral, de sua inafastável solidariedade. Amargou derrotas políticas, mas não se dobrava ao vencedor, pois tinha o caráter reto como fio da espada. Não jogava dardos de malquerença. Gostava de cultivar amizades. Era fiel aos amigos.

Nos últimos anos Domingos Mourão Filho era Coletor Federal aposentado. Quando faleceu, em 1968, seu nome era uma legenda de honradez, de liderança política invulgar. Transformou-se, pela força do seu caráter e pelo avassalante prestígio que desfrutava, em um condottiere de Pedro II, pela *virtú* de seu destemor e do inegável amor à terra natal. Quando ele morreu orfanou-se o nobre povo de Pedro II, que nele tinha firme timoneiro a indicar rota segura. Seus funerais atestaram o quanto foi amado no meio de sua gente.

Na manhã de hoje, seus filhos e diversas representações dos vários ramos da família Araújo, se curvaram ante o mausoléu que guarda as cinzas venerandas de Domingos Mourão Filho.

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Tácito, mestre da historiografia romana, relata, no final do livro III dos Anais, os funerais de Junia, viúva de Cássio e irmã de Brutus. Na imponência desse mortuório, solenizado pelos grandes brandões acesos e pela emoção causada pelas vozes dos tribunos, figuravam as efígies de 20 famílias ilustres do tempo. Eram os Mânlios, os Quintos e outros nomes nobres brazonados. E diz Tácito:

> Sed prefulgebant Cassius atque Brutos, eo ipso quod effigies, eorum non visebantur.

Nestes tempos de desestima ao Latim, à língua mãe, nestes tempos de pouco estudo, e necessário traduzir: Mas Cássio e Bruto a todos excediam no brilho, por isso mesmo que ali não se viam suas efígies.

Estaria completa a biografia de Domingos Mourão Filho no pequeno perfil que dele fiz? Creio que não! Se alongo olhar neste recinto vejo altas expressões da administração, da política e da sociedade do Piauí. Vejo também a descendência do homenageado. E quem falta? E quem, tendo sido tão dele e dele tão amada, não está

aqui para ouvir o louvor unânime, que nasce das raízes do povo e cresce para os sodalícios ilustres, na ambiência dos Poderes do Estado do Piauí.

Creio que um dos atos mais judiciosos da vida de Tio Mourão, aquele em que revelou sabedoria, foi o da escolha da companheira para a travessia conjugal. Sim, nos jardins do Pé-de-Serra, nos campos do Ipu, no Quadro da Matriz de São Sebastião foi ele buscar uma rosa, a sua *Rosa*, Rosa Edith, que tanto lhe perfumou a vida de encantos, de amor, de paz, de elevada compreensão com a diuturna atividade política do marido, tornando-se, sempre, inseparável e modelar companheira. *Rosinha e Mourão* – pedras moldurantes, nobres pedras do Ceará e do Piauí, sólido alicerce de uma nobre família que tanto, e em tantas profissões, têm engrandecido este Estado.

Enquanto estamos aqui exaltando a memória do Domingos Mourão Filho quem sabe se, pelos designos insondáveis do Senhor, no seu recolhimento, não esteja a nossa veneranda Tia Rosinha revivendo as saudades de seu Mourão, pois *Os Olhos Vêm sem Ver*, e poderá, como estou certo que pode, na sua concentração interior, repetir pela voz do coração, lembrando-se dele, os versos de Da Costa e Silva:

Quem sabe há no meu ser um espelho encantado,
Onde indelével se reflete o meu passado!

Acaso há dentro em mim uma fonte de luz,
Que a tua vida em minha vida reproduz!

É por isso, talvez, que em vago encantamento,
Eu me deixo levar pelo meu pensamento.

E, se te quero ver, fecho os olhos e, então,
Em silêncio me entrego a essa amada ilusão...

Sim, Tia Rosinha está aqui. A Rosa do Mourão está presente nesta hora em que exaltamos merecidamente a memória do marido. Ela está pulsando no coração de cada filho, no riso desses rostos, na lágrima que cresce em cada olho, agradecidos que estão eles, em vê-la dentro de si, ouvindo a consagração do marido. A esse justo louvor, tão gratificante para a família Araújo Mont'Alverne, junto também meu pálido elogio, orgulhoso de sentir que Domingos Mourão Filho integrou com marcante presença o Clã dos Araújos.

Permitais mais um momento para vos dizer: o menino do Mosteiro, homem encanecido, não esqueceu a lição de Domingos Mourão Filho. Foi por ele que vim a Pedro II. É para ele que dirijo minhas homenagens.

Saudades!

Praia do Olho d'Água/São Luís 13.12.91.